



Quatro Casas  
CECÍLIA TERRANA

*Quatro Casas*  
CECÍLIA TERRANA

Copyright © 2020, Mundo Contemporâneo

**Editor**

Marcio Sales Saraiva

**Coordenação Editorial**

Léa Carvalho

**Capa**

Design: MaLu Santos

foto: acervo Marcio Sales Saraiva

**Projeto gráfico**

MaLu Santos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO (CIP) DE ACORDO COM ISBD

---

T323q Terrana, Cecília

Quatro casas / Cecília Terrana. - Rio de Janeiro, RJ :  
Mundo Contemporâneo, 2020.

194p. ; 23 cm.

ISBN: 978-65-86290-00-4

1. Teatro brasileiro (Literatura). 2. Dramaturgia. I. Título.

2020-82

CDD: 869.2

CDU: 821.134.3(81)-2

---

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da Editora poderá ser utilizada ou reproduzida - em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. - nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados.



Um selo da Metanoia Editora  
Rua Santiago, 319/102 - Penha  
Rio de Janeiro - RJ - Cep: 21020-400  
faleconosco@metanoiaeditora.com  
21 3851-5845 | 📞 21 96478-5384

Associada:

Liga Brasileira de Editoras - [www.libre.org.br](http://www.libre.org.br)  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) - [www.snel.org.br](http://www.snel.org.br)

**Impresso no Brasil**

*A Fred Gouveia (in memoriam)*



Quando fui alfabetizada, minha irmã estudava na mesma escola,  
no último ano do primário e eu me sentia apoiada por ela.

Quando decidi ser bailarina, minha irmã já era atriz  
e eu me sentia apoiada por ela.

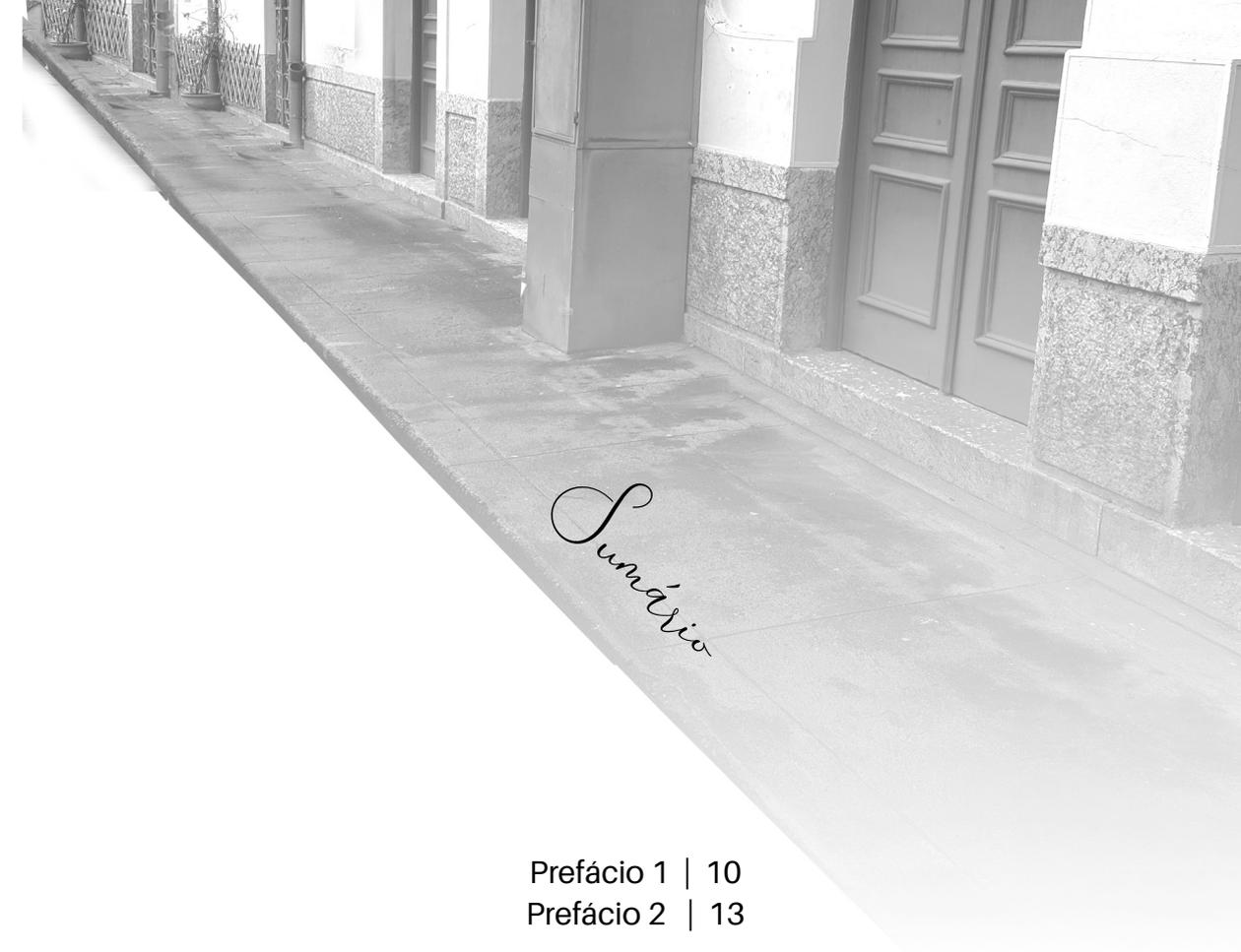
Quando precisei parar de dançar,  
minha irmã me recebeu no teatro  
e eu me sentia apoiada por ela.

Toda a gratidão a minha irmã Anita Terrana.

*Agradeço aos meus amigos que tornaram possível este livro: Márcio Sales Saraiva, Cristina Froment e Afonso Henrique Soares*

*Se os olhos são as janelas da alma, as janelas são os olhos da casa.  
Veem tudo e, às vezes, usam a cortina pra enxugar as lágrimas.*





*Sumário*

Prefácio 1 | 10

Prefácio 2 | 13

Introdução | 15

Casa à venda | 18

Casa de cômodos | 43

Casa, comida e roupa lavada | 101

Casa invadida | 158

Referências das fotos | 193



# Prefácio

## A nossa casa: memórias, afetos e experiências de moradia

**E**u era bem menino quando, em uma tarde de sol, a minha mãe decidiu que abandonaria a “casa velha” e nossa família passaria a viver na “casa nova”, mesmo que ainda faltasse toda a sorte de acabamento. No pequeno bairro onde vivíamos, nossa pequena casa de telhas, com reboco indefinido e cômodos bem apertados, nos abrigou por um longo tempo, embora eu mesmo tenha vivido ali apenas durante os anos da minha primeira infância. As constantes goteiras, as instalações de pouca qualidade e a insegurança de portas e janelas eram razões suficientes para que meus pais desejassem há muito tempo construir uma casa mais ampla e mais segura para a nossa família. As jornadas de pedreiros, eletricitas e bombeiros representavam trabalho duro apenas para aqueles senhores contratados pelo meu pai. Para mim e para os meus irmãos, aquilo tudo era uma diversão, motivo de curiosidade e esperança que a nossa vida em família passaria ser bem melhor, uma vez que, em breve, iríamos abandonar a “casa velha” e passaríamos a viver na “casa nova”. Eu bem me lembro que em diversas ocasiões, entre idas e vindas da escola, eu me dirigia ao fundo do quintal, direto para o local onde a “casa nova” estava sendo construída com o desejo de ajudar os trabalhadores e saciar um pouco da curiosidade de menino e da vontade de logo ir viver em uma casa novinha em folha. Mas aquilo era obra de pobre. O dono da obra, no caso o meu pai, era um operário, suas economias eram bem limitadas, o que renderam muitas adaptações no que se desejava fazer e muitos atrasos na conclusão da obra. Até hoje eu não sei se foi por ansiedade da minha mãe ou se foi por falta de dinheiro mesmo. O fato é que a “casa nova” nunca foi terminada. E, muito

antes de qualquer acabamento, nós mudamos da “casa velha” que ficava na frente de nosso terreno para a “casa nova” localizada a poucos metros mais aos fundos da mesma pequena propriedade. O fato que a “casa nova” não representou uma grande mudança na nossa “vida velha”. Nossa família não saiu do lugar, as adaptações e gambiarras continuaram a nos lembrar todos os dias sobre nossa classe social e as nossas condições econômicas. Mesmo assim, uma mistura de sentimentos entre a alegria e a melancolia tomou conta de todos nós quando, alguns dias depois, a “casa velha” foi demolida para abrir mais espaço e nos devolver um quintal.

Não existe nenhum ser humano que eu conheço que não tenha uma memória sobre uma casa, seja ela alugada, emprestada, invadida ou inundada. Eu desconheço alguém que seja capaz de negar a existência de memórias sobre a moradia dos tempos de sua infância. Embora, saiba-se que há uma triste realidade sobre aqueles que são conhecidos como os “sem tetos”, é fato que a moradia faz parte do processo do ser humano. Nesse caso, pensar diferentes dimensões da vida humana a partir da necessidade da moradia é um lugar de debate que toda a sociedade precisa realizar. Nesse caso, essa necessidade não se restringe apenas a uma perspectiva material da construção de um teto. A experiência humana tem demonstrado dimensões que exacerbam essa questão. As moradias guardam um aspecto de afetuosidade e amorosidade nutridas pelos seres humanos no convívio em família, no coletivo que representa proteção, abrigo e acomodação não apenas do corpo físico, mas também das memórias e dos significados que cada um de nós elaboramos ao longo de nossa experiência.

Neste livro, Cecília Terrana se faz anfitriã de quatro diferentes casas, com suas histórias, seus afetos e significados. Ao lermos os textos aqui agrupados, nós fazemos visitas a casas velhas, casas novas, casas de cômodos, casas pequenas, casas grandes e, até mesmo, uma casa invadida. São memórias e histórias engendradas em quatro boas tramas que nos faz desejar, imaginar, detestar e simpatizar por seus diferentes personagens, mas sobretudo, pelas casas descritas que, como cenários das narrativas, nos fazem querer nos aconchegar nos textos, como em dia de chuva acompanhado por um chocolate quente. Nesse sentido, a obra produzida por Cecília Terrana nos empresta um olhar para diferentes aspectos da aventura da vida em sociedade com lutas, conspirações, disputas e prazeres sem encadeamento ou hierarquização. Tudo acontecendo ao mesmo tempo, sem distinção exata dos sentimentos e sensações que nos fazem pulsar ao final de cada texto.

É bem verdade que os textos aqui apresentados se trata de roteiros escritos com o interesse de montagens teatrais. Algumas já exibidas com muito sucesso. Algumas outras histórias ainda estão aguardando para serem encenadas. A natureza dessa escrita nos permite ler textos em forma de diálogos provocativos, com reflexões entrelaçadas do início ao fim. Quem um pouco já ouviu falar da autora do texto, sabe bem que sua mente inquieta, seu temperamento doce e sua perspicácia para as artes fazem de sua obra um símbolo de resistência, mas com beleza, de dureza, mas com humor, de altivez, mas com um pouco de drama, de forma que esse livro possa ser lido como um convite para a teatralidade, mesmo que jamais venhamos a assistir a montagem de uma dessas peças. Simplesmente porque é impossível ler esses textos sem imaginar cada cena, cada personagem e suas casas que suscitam nossas memórias mais afetuosas e as moradias que fazem parte de nossas histórias.

Rio de Janeiro, 14 de novembro de 2019.

Nielson Rosa Bezerra

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ



Prefácio 2

## Uma casa brasileira com certeza

Para além de sua existência concreta, a figura de uma casa guarda muitos símbolos. Emocionalmente, uma casa pode ser um lar, condição imaterial que nada tem a ver com tijolo, porta e teto. Psicologicamente, a casa simboliza a alma e o corpo de seus moradores: em ordem ou em caos, una ou dividida, aberta ou fechada, colorida ou austera. Politicamente, uma casa pode simbolizar um estado ou um país, com seus moradores representando toda uma sociedade, um povo.

Nas peças de Cecília Terrana que compõem este volume, a casa representa todas as alternativas acima. Personagem principal das quatro peças, a casa ao mesmo tempo abriga e revela seus personagens, enquanto nos revela em conjunto, um olhar sobre nossa sociedade.

Em *Casa à Venda*, por exemplo, com o casal obrigado a vender a casa por dívidas bancárias, temos um retrato de como funciona a nossa economia: fria, impessoal, que vê números ao invés de pessoas – cujas vidas alteram e devastam com total indiferença. Um banco valoriza apenas a economia, em detrimento das relações humanas, e é incapaz de perceber a diferença entre casa e lar. O casal em crise, vendendo a casa, pode até recuperar outra um dia, mas o lar estará perdido para sempre.

Em *Casa de Cômodos*, voltamos aos anos 1930, onde percebemos a origem da forma de morar de hoje em dia: de aluguel, com apartamentos de portas e janelas coladas uns nos outros. As casas de cômodos, avós dos atuais apartamentos, eliminam a privacidade: todos os vizinhos ouvem o que se passa

em cada casa, e assistem o que se passa nas áreas comuns, aumentando o controle social e moral do proprietário sobre seus inquilinos: quem não se adequar ao padrão imposto, é posto na rua. E o padrão imposto é o da moral patriarcal, hipocritamente rígida para mulheres e permissiva para homens.

Já o título “Casa, Comida e Roupa Lavada” expressa todo o ciclo de vida da personagem Fátima, que se resume a cuidar eternamente do marido e dos filhos. A morte do primeiro a liberta para finalmente viver para si mesma, mas logo o filho, separado e falido, volta pra casa materna, reiniciando o ciclo. Com a idade avançada da mãe, é a vez do filho assumir seu lugar nos cuidados familiares. A casa, aqui, é o que literalmente segura uma família que não tem condições econômicas e emocionais para cortar seus cordões umbilicais, nascendo, crescendo e morrendo sobre o mesmo teto, condenados a repetir o mesmo padrão familiar *ad eternum*.

Casa Invasada aborda um dos temas mais polêmicos da atualidade, a ocupação de casas e prédios vazios por aqueles que não têm onde morar. A miséria econômica de Zé e Dora, moradores do morro, que perderam a casa em um desabamento, equivale-se à miséria cultural e moral de uma existência sem saídas, que também caminha fatalmente para o desabamento.

Das páginas do livro de Cecília Terrana emergem essas quatro casas, que, com histórias e personagens tão distintos, formam um painel inconfundível ao se somarem: são, indiscutivelmente, as casas que formam este país e sua gente. São as cenas que vimos acontecer dentro das nossas próprias casas, ou que ouvimos acontecer nas casas dos vizinhos. O que podemos dizer da dramaturgia da autora é o mesmo que podemos dizer das quatro casas: é brasileira, com certeza.

Ivan Fernandes



## Introdução

Este livro reúne peças que escrevi entre 2010 e 2019 e que têm em comum o tema da ‘casa’. Não foi intencional, a princípio. Relendo os textos enquanto preparava o conteúdo do livro, me dei conta de que mais do que concentrar a ação no espaço doméstico, a casa está movendo a ação dramática e é o centro do conflito. Onde morar e como morar suscitam as metáforas das relações sociais e suas contradições.

*Casa a venda* surgiu de um exercício no laboratório de dramaturgia oferecido pela Escola Sesc e coordenado por Jô Bilac. A proposta era escrever uma cena curta e nesses casos o humor é o caminho mais fácil, segundo o próprio Jô. Então me propus o desafio e escrevi a cena sobre o drama de precisar vender a casa dos sonhos. Ao mostrar a cena, ficou claro para todo o grupo que, embora tudo se resolvesse em 15 minutos, aqueles personagens eram muito mais complexos do que se poderia elaborar na cena curta, aqueles diálogos eram a ponta do iceberg. Por isso desenvolvi a peça em ordem cronológica inversa.

A peça foi encenada no Pequeno Engenho das Artes em 2016 e os três personagens eram feitos por cinco atores em revezamento: Elis Negrão, Fraya Hippert, Renata Andrade, Thiago Macedo e Victor Nalim. Destaque para o cenário em miniatura criado por Fraya Hippert que foi fundamental para a composição intimista daquela montagem. Em seguida fez uma curta temporada no Parque das Ruínas.

*Casa de Cômodos* foi escrita em 2012 e o estímulo veio dos estudos para a montagem de *A Prostituta Respeitosa*, de Jean-Paul Sartre, peça que fala sobre preconceito racial e de gênero e sua ação se passa no sul dos Estados Unidos. Com a reflexão sobre semelhanças e diferenças entre o racismo americano e o brasileiro, surgiu a vontade de retratar a questão pelo nosso lado, invertendo o conflito. Em Sartre um negro é acusado injustamente e a única testemunha

é uma prostituta, impedida de defendê-lo por sua condição. Na Casa de Cômodos uma mulher que vive sozinha é acusada de se prostituir e a família de negros que mora ao lado também não consegue defendê-la, revelando o peso do racismo.

Em 2014, a Sereníssima Produções Artísticas realizou o projeto *Sartre Mais Uma* com patrocínio dos Correios, em que as duas peças se alternavam no Solar de Botafogo. Casa de Cômodos foi dirigida por Marcelo Marques e teve no elenco Adriana Zattar, André Frazzi, Deo Garcez, Kenya Costta, Marco Aurélio Hamellin e Soraia Arnoni. O cenário e figurino de Marcelo Marques e a iluminação de Leysa Vidal completaram a encenação que foi muito bem recebida pelo público e pela crítica. Agradeço muito a Marcelo Marques e a todo o elenco pelo maravilhoso trabalho que fizeram e pelo amor que dedicaram em todo o processo de montagem.

Em 2015 completei o texto de *Casa, Comida e Roupa Lavada* e ainda não foi encenada. O material para esta peça foi sendo recolhido aos poucos: quando ainda trabalhava com dança contemporânea estudei o Sistema Laban de Análise de Movimentos e conheci a técnica Bartenief Fundamental. Para completar o orçamento eu comecei a trabalhar com idosos a domicílio, adaptando exercícios físicos para pessoas que já não podiam sair sozinhas e não tinham quem as acompanhasse a outros locais para atividades físicas. Claro que a convivência íntima com essas pessoas me provocou reflexões sobre os desafios de envelhecer. Minha percepção é que os problemas que surgem na velhice têm suas raízes muito tempo antes...

*Casa Invadida* é a primeira incursão no não-realismo. Começou a ser escrita ainda em 2016, em 2017 estava pronta, ou quase. Chegamos a fazer uma leitura com a intenção de dar início à montagem, mas naquele momento percebi que não estava satisfeita com o texto: era preciso mergulhar mais fundo naquele universo, compreender questões históricas, ouvir e estudar mais.

Sou muito grata pela oportunidade de fazer a especialização em História e Cultura Africana e Afro-brasileira pelo IPN/SANTA ÚRSULA, e especialmente grata ao professor Nielson Bezerra, que compreendeu minhas expectativas e me orientou na trabalho para a conclusão do curso. A pesquisa realizada me trouxe subsídios para a conclusão da peça.

Assim, encerro um ciclo sobre as casas e agradeço a oportunidade de reunir estas peças em um livro, com a contribuição valiosa de Ivan Fernandes, apoio fundamental na escrita de Casa de Cômodos. Encerro talvez não seja o termo, pois meu interesse por casas e memórias permanece, e sabe-se lá onde é que isso vai dar...



Este livro foi composto nas famílias tipográficas:  
Yolan Script, Aileron e GillSans - papel alta alvura 75g  
verão de 2020

Neste livro, Cecília Terrana se faz anfitriã de quatro diferentes casas, com suas histórias, seus afetos e significados. Ao lermos os textos aqui agrupados, nós fazemos visitas a casas velhas, casas novas, casas de cômodos, casas pequenas, casas grandes e, até mesmo, uma casa invadida. São memórias e histórias engendradas em quatro boas tramas que nos faz desejar, imaginar, detestar e simpatizar por seus diferentes personagens, mas sobretudo, pelas casas descritas que, como cenários das narrativas, nos fazem querer nos aconchegar nos textos, como em dia de chuva acompanhado por um chocolate quente. Nesse sentido, a obra produzida por Cecília Terrana nos empresta um olhar para diferentes aspectos da aventura da vida em sociedade com lutas, conspirações, disputas e prazeres sem encadeamento ou hierarquização. Tudo acontecendo ao mesmo tempo, sem distinção exata dos sentimentos e sensações que nos fazem pulsar ao final de cada texto.

Nielson Rosa Bezerra  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ



978-65-86290-00-4



9 786586 290004

[www.mundocontemporaneoedificuldades.com](http://www.mundocontemporaneoedificuldades.com)